

O estadista e o condottiere

Se o sr. Ângelo Calmon de Sá tivesse lido a biografia do visconde de Mauá (escrita por Jorge Caldeira), antes de se aventurar na política coronelista, evitaria a falência do Banco do Econômico. Calmon, o barão da Bahia, cometeu o mesmo equívoco que Mauá, o barão do Império. Ambos eram homens talentosos no mundo das finanças, mas, a exemplo de Ícaro, quiseram voar alto demais nas esfe-



**Banqueiro
que tem
ambição
política
acaba no
pelourinho**

ras políticas e chegaram a pensar que eram imbatíveis. Por isso, podiam emprestar dinheiro a empresas quebradas ou a amigos falidos sem ter medo de perder o seu banco. O risco de insolvência era sempre amortizado pelos padrinhos políticos e pelos parlamentares poderosos que sempre intercediam junto ao governo para resolver os problemas de caixa da instituição. Porém, um dia, o poder muda de mão e o feitiço acaba. O banqueiro acorda e descobre que era apenas uma peça no xadrez do jogo do poder. Os empréstimos que arruinaram o banco renderam grandes dividendos políticos aos homens que vivem como áulicos na corte. Moral da história: ban-

queiro que tem ambição política acaba no pelourinho.

Para um governo sério, que tem um compromisso com o futuro, não importa se a má gestão é fruto de operações desastrosas, como foi o caso do Econômico, ou da influência nefasta dos governantes, como é o exemplo do Banespa. Recorrer ao Banco Central é uma saída emergencial, mas que se tornou corriqueira no caso do Econômico. A análise dos nú-

meros revelou sua insustentabilidade. Não havia argumento político que se sobrepusesse à palavra dos técnicos do Banco Central. O mundo capitalista é cruel com os imprudentes. Aqueles que cometem atos insanos vão à lona. Por isso, o Econômico e o Banespa têm de ser vendidos ou liquidados. O Banco Central não pode continuar financiando bancos mal administrados.

O episódio do Banco Econômico demonstrou que a independência do Banco Central é vital para o bem-estar da política monetária. Enquanto os dirigentes do Banco Central tiveram de recuar para atender à covardia dos governantes que têm medo de enfrentar

uma oligarquia atrasada e retrógrada, o Brasil não saberá o verdadeiro significado da palavra democracia. As táticas xiitas anunciadas pelo senador Antônio Carlos Magalhães revelam a diferença entre um estadista e um condottieri. O primeiro pensa no País e age de acordo com o interesse nacional. O segundo acha que a nação existe para servir ao feudo. O estadista define suas estratégias de acordo com a razão de Estado; o condottieri, de acordo com seus desejos regionais. Para o estadista, o Brasil é um Estado federativo; para o senador Antônio Carlos Magalhães, o País é uma extensão da Bahia.

Politicamente, a atitude de Antônio Carlos Magalhães foi extremamente prejudicial à imagem do PFL. O partido, que vem defendendo bandeiras modernizadoras, como a privatização, o fim dos monopólios, o voto distrital misto e as reformas tributária, fiscal, previdenciária e administrativa, não pode tolerar atitudes contrárias ao seu discurso inovador. O eleitor deve acreditar no programa *PFL 2000* ou na fala apaixonada daqueles que não conseguem separar os interesses nacionais do nepotismo regional? Este é o fio da navalha que separa o estadista do condottieri.

No início do ano, o banco da rainha da Inglaterra, o Baring, foi à falência por causa da impetu-

sidade de um jovem trader de 24 anos, chamado Nicholas Leeson. A rainha Elisabeth não tirou a coroa da cabeça nem prometeu dar uma machadada no primeiro-ministro por causa da imprudência do funcionário do Baring. Ao contrário, como uma soberana que conhece a política, ela não pediu ao primeiro-ministro nem ao Banco da Inglaterra que salvassem o banco mais antigo da Grã-Bretanha da falência. Detalhe: a rainha tinha uma fortuna depositada no Baring, que era muito maior do que o dinheiro que ACM, Jorge Amado e outros descontentes juntos têm no Econômico. Aqui, o senador Antônio Carlos Magalhães quer que o contribuinte e o Banco Central salvem o banco do seu amigo Calmon de Sá da falência. Mas, no mundo capitalista, o que vale é o velho ditado "amigos, amigos, negócios à parte". O Brasil adotou um dos mais bem-sucedidos planos de estabilização econômica e resistiu aos vendavais da crise mexicana, mas, na hora de mostrar que está apto a dar um grande salto rumo à modernidade, o governo sucumbiu ao terror do coronelismo.

■ **Luiz Felipe D'Ávila é cientista político**

■ **Leia também artigo de Dionísio Dias Carneiro sobre a estatização do Banco Econômico na página B2.**